

1- Apresentação

“Se nos picarem, não sangramos? Se nos fizerem cócegas, não rimos? Se nos envenenarem não morremos? E, se nos ultrajarem, não nos vingaremos?” (**William Shakespeare**)

Desde Medeia, peça de teatro de Eurípides, escrita em 431 a.C., a vingança vem sendo constantemente representada pelas artes. Mesmo no Velho Testamento há referências da vingança, ou olho por olho, como algo legítimo. No cinema, na música ou no teatro, histórias de revanche são um poderoso elemento narrativo, levando o público a uma sensação de prazer extremo diante da execução bem sucedida de um plano. Cientificamente, alguns pesquisadores chegam a apontar que, as pessoas que têm a possibilidade de se vingar de uma "injustiça", recebem uma sensação de recompensa, ativando uma região do cérebro que causa contentamento. Freud define ainda que “a maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições que ela impõe”, sendo assim, o desejo de se vingar, seria algo natural do ser humano.

Esse desejo é particular e cada pessoa imagina uma maneira de castigar o causador de sua dor. A vingança pode se manifestar, por exemplo, de maneira violenta, através de prejuízo moral e/ou financeiro ou, até mesmo, por meio de ruptura com comportamentos padrões. No caso de vinganças cometidas por mulheres, invariavelmente, essa reação também está vinculada ao sistema patriarcal, que se demonstra dentro de casa, com os companheiros ou familiares, mas também em todas as chamadas “instituições democráticas”, como o judiciário e o legislativo, por exemplo.

As tramas de **Relatos de Fúria** buscam ampliar o sentido da vingança fazendo com que elas ocorram, até mesmo, através de empatia. No filme, o sentimento não é manifestado apenas no sentido literal, com uma ação violenta em si, mas também por rupturas simbólicas ou reais, em que não há caminho para retorno das personagens. As mulheres do filme se vingam contra algo maior, contra um sistema dominante e dominador do Brasil, mas que, facilmente, se repete em qualquer outro lugar do mundo.

Relatos de Fúria reúne narrativas de seis mulheres, em diferentes espaços de tempo e lugar, que protagonizam suas próprias jornadas de revanche, sejam levadas sob impulso da circunstância ou com cuidadoso planejamento. As personagens de **Relatos de Fúria** são adeptas de decisões extremas para o bem ou para o mal, afinal, não existe somente mocinha, não existe apenas vilã. Costuma circular na internet um meme que diz: a sorte dos homens é que as mulheres querem igualdade e não vingança. Em **Relatos de Fúria** essa possibilidade de “distopia” se torna uma realidade.

2- Justificativa

“Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça sempre glorificarão o caçador”. (**Provérbio Africano**)

A ideologia patriarcal dividiu a humanidade em duas metades, acarretando em desastrosas consequências. Esse ideal prevê uma organização social baseada no poder do pai em que a descendência e o parentesco seguem a linha masculina. As mulheres são consideradas inferiores aos homens e subordinadas à sua dominação. Os efeitos disso são a opressão da mulher pela violência, subjugação, desigualdade profissional, salários mais baixos, solidão, depressão, dentre outros males. A realidade é que o patriarcado adoece e mata mulheres todos os dias.

No Brasil, a situação é grave. O país ocupa a quinta posição do ranking mundial de feminicídio, atrás de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. Dados de 2020 apontam ainda que uma mulher foi vítima de feminicídio a cada sete horas no Brasil. Em relação às circunstâncias das mortes e perfil das vítimas, uma a cada três tinha entre 18 e 29 anos. 62% delas eram negras. A violência contra a mulher não tem cor, partido político ou classe social. Está em todas as esferas da sociedade e conta com a leniência dos poderes majoritariamente ocupados por homens. No entanto, é notório que o percentual de violência é muito maior contra as mulheres negras, base da pirâmide social.

Portanto, seja uma visão biológica, que define a mulher como inferior ao homem do ponto de vista da força física, seja numa visão religiosa que identifica a mulher como subproduto do homem; já que foi construída da costela de Adão; seja do ponto de vista cultural, que define um campo específico para a atividade feminina, e outro privilegiado para a atividade masculina, todos esses argumentos, prestam-se a construir uma identidade negativa para a mulher, e assim justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que as mulheres estão submetidas e promover, nelas, a aceitação de um papel subordinado socialmente. E como reagir a isso? Algumas, optam por vingança.

No latim, vingar-se quer dizer liberar-se, clamar, e é nesse sentido que **Relatos de Fúria** se apropria. Trata-se de um filme sobre vingança, mas também, uma ode à liberdade e emancipação feminina. Embora, em alguns episódios, essa busca se apresente em um estágio mais “selvagem”, em outros, no entanto, é notório que o vingar-se, na realidade, se aproxima mais com um grito contra o patriarcado. Algumas das histórias de **Relatos de Fúria** são baseadas em fatos e relatos reais colhidos, através de entrevistas, entre os meses de abril a outubro de 2021, período da pandemia do Covid-19, o que aproxima a tese de que o desejo de vingança, na verdade, pode ser algo inato ao ser humano.

3- Logline

Seis histórias de mulheres que escolhem a vingança como resposta à dominação masculina. O recorde de mortes por Coronavírus, a chegada de um grupamento político à uma cidade, o roubo de um filho, a propaganda de Dia das Mães, a infecção por uma doença e a improvável final de um campeonato, se transformam nos gatilhos de fúrias de todas elas; contra tudo, contra todos.

4- Sinopse geral

“A vingança é um prato que se come frio...”. “Qual o preço pago para se virar contra seu algoz?”. Para as mulheres de **Relatos de Fúria**, o custo não importa. Através de seis histórias, contadas de diferentes pontos de vista, diferentes períodos de tempo; o filme revela, a cada episódio, como o patriarcado estrutural é o principal inimigo a ser combatido, mesmo que para isso alguns precisem morrer.

A ruptura drástica de Rosa, aos 66 anos, em *A Separação*; o acaso que muda tudo na vida da alegre Sandra, em *Urubu*; a aceitação e empatia entre mãe e filha, em *Espelho*; o planejamento eficaz e calculado da artística plástica, em *Vendetta*; a paciência e frieza de Catharina em *Tokaia* e, por fim, a fuga para um mundo novo, de Marisa, representam muito mais do que vingança, são sim um grito de liberdade e uma ode à ruptura.

Alguém tem que pagar pelos males causados a todas essas mulheres. Os crimes cometidos podem ser individuais, mas as causas são coletivas, cultivadas, há séculos, em mentes machistas e sexistas. **Relatos de Fúria** mostra que a vingança também é um recomeço. Cada uma delas, violentamente ou não, redesenham suas histórias e, talvez, a de muitas outras.